

TRABALHO, SUBJETIVIDADE E CONTEMPORANEIDADE: CONFLUÊNCIA COM O CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Fernando de Oliveira Vieira¹

Liliam Deisy Ghizoni²

INTRODUÇÃO

O tema *direitos humanos* tem sido ampliado na sociedade em geral. E, em particular, cabe questionar o papel que as empresas ocupam, nesse debate (Barros, 2018). Se às empresas não pode ser negada a participação na formulação de qualquer política, nos Estados Democráticos de Direito, por outro lado, cabe interrogar os interesses que as colocam nessa arena política.

O tripé *Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade* está articulado, neste Dossiê da Revista Farol, em uma perspectiva crítica ao mundo da gestão, de um modo geral, e ao universo das relações de trabalho, em particular. De um lado, ideias e práticas de Administração fomentam uma valorização exagerada à dinâmica das Empresas. Em

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. <http://lattes.cnpq.br/0466871542118551>. <https://orcid.org/0000-0003-3743-1413>. fernandovieira@id.uff.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Administração, Campus Valonguinho. Rua São Paulo, 30, 7º andar, Sala 701, Centro, Niterói, RJ, Brasil. CEP: 24020005. Telefone: (55 21) 26299866.

² Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins. <http://lattes.cnpq.br/9903452459296489>. <https://orcid.org/0000-0002-1254-7455>. ldghizoni@gmail.com.

nome de produtividade, e de empregabilidade, tornam-se protagonistas na Economia; organizações caracterizadas por orientações de Mercado, com “M” maiúsculo, passam a ditar as regras de convivência dos atores sociais que interagem na linha de frente e nos bastidores dos negócios. De outro lado, tal convívio pode ser delineado por crenças e normas, que colocam a subjetividade a serviço da objetividade. Sujeitos atendem consciente e inconscientemente à invocação de serem *Recursos Humanos de excelência*, para fazerem a manutenção do jogo da livre concorrência de mercado.

Se o Estado for mínimo, as empresas criam e recriam regras de um jogo, no qual o número de jogadores no banco de reservas é muito superior aos que estão em campo. Como muitos são os que querem e precisam entrar na partida, por questão de sobrevivência, a super exploração pode tomar conta do arbítrio, e a violência psicológica ou física passa a fazer parte da naturalização da precarização das relações sociais e de trabalho.

O marco conceitual que se parte para a construção deste dossiê intitulado “Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade” se ancora essencialmente em Dejours (2004), Antunes (2000a, 2000b, 2010, 2012, 2018) e Alves (2011), considerando a ontologia do ser social construída por Lukács a partir de Marx. Acreditamos que as relações sociais, determinadas pelo modo de produção vigente (capitalista), constroem o sujeito a partir da inter-relação entre a objetividade e a subjetividade dos trabalhadores assalariados. Desta forma, a dimensão epistemológica adotada no dossiê parte da alienação/dominação *versus* emancipação dos trabalhadores.

CONFLUÊNCIAS ENTRE TRABALHO, SUBJETIVIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Pontua-se que trabalhar, como afirma Dejours (2004), não é somente produzir, é também viver junto, estreitar laços de cooperação e solidariedade, construir coletivos

que possam se amparar com afeto no dia a dia das relações de trabalho, que estão cada vez mais recrudescidas.

Vivencia-se assim uma era de intensa precarização no mundo do trabalho de forma globalizada, atingindo diretamente a subjetividade dos trabalhadores. Vale ressaltar que o eixo central dos dispositivos organizacionais da contemporaneidade é a luta constante dos empregadores pela captura da subjetividade dos trabalhadores a partir da lógica do capital (Antunes, 2012; Alves, 2011).

Este “modelo” de inovação organizacional busca capturar não só o que o trabalhador sabe fazer, mas também o que ele sabe sobre o processo de trabalho; toda a sua disposição intelectual-afetiva acaba por ser otimizada para cooperar com a lógica capitalista (Alves, 2011).

Destarte, este *modus operandi* tende a dilacerar não apenas os aspectos físicos do sujeito, mas também sua dimensão psíquica e espiritual, como afirma Alves (2011). Esta busca pelo inatingível traduz o que Han (2015) chamou de Sociedade do Cansaço, para além do que este mesmo autor configurou como *sociedade do desempenho*, pois o que temos hoje são trabalhadores se autoexplorando, a ponto de viverem uma condição de estarem “exaustos, correndo e dopados”, e, paradoxalmente, achando-se trabalhadores livres, como afirma Brum (2016).

De acordo com Hopper e Faria (2006), há uma dissonância entre o ambiente prescrito e o real, entre a descrição das tarefas e a execução das mesmas. Para estes autores, há um exercício de controle social, fomentando a competição e a busca por atingir as metas individualmente, quebrando todas as possibilidades de construção de laços de cooperação e solidariedade como proposto por Dejours (2000). Percebe-se uma estratégia de gestão empresarial que incentiva tais valores.

E este movimento tende a recrudescer a violência relacionada ao trabalho. Para Faria (2013), a finalidade da violência é conservar as estruturas de injustiça e opressão que a maioria exerce sobre a minoria. O autor pontua que a violência possui uma dimensão explícita, que é direta, aquela violência dramática, reconhecida pela mídia e por todos. Mas há também uma violência oculta, que age de forma implícita, indireta e subjetiva; neste caso, é a violência mascarada, invisível, é a miséria dos favelados, despossuídos, é a prostituição, é o analfabetismo.

Há que se ficar atento às formas e abusos emocionais que são incentivados de modo sorrateiro em nome da produção, por meio de *mobbing*, *bullying* e assédio no ambiente de trabalho (Heloani & Barreto, 2018). Neste contexto, formas de dissimulações discursivas podem encobrir violência no trabalho, muitas vezes diagnosticando o cenário como problemas individuais, quando, na verdade, podem ser frutos da organização do trabalho ou de tecnologias de gestão, como é o caso da LER – Lesões por Esforços Repetitivos/DORT – Distúrbio Osteomuscular das Relações de Trabalho, da dependência química, do adoecimento psicológico, do adoecimento físico, do estresse físico e emocional, do sofrimento do trabalhador (Faria, 2013).

Alguns exemplos de dissimulação discursiva pontuados por este autor são:

Quadro 1 – Dissimulação Discursiva e Formas de Violência

O QUE O DISCURSO EXPRESSA (DISSIMULAÇÃO DISCURSIVA)	O QUE A REALIDADE EXPRESSA (FORMAS DE VIOLÊNCIA)
Atingir Metas	Pressão por resultados
Definir metas	Metas inatingíveis
Dedicação ao Trabalho	Excesso de trabalho
Comprometimento com a organização	Longas jornadas de trabalho
Eficiência gerencial	Gestão autoritária
Orientação aberta de ações e comportamentos	Humilhação e desmoralização pública
Relações interpessoais conflitivas	Assédio Moral
Oportunidade de Promoção	Cooptação
Valorização do “bom empregado”	Discriminação e Preconceito

Fonte: Faria (2013).

Como visto, a dissimulação discursiva se empenha no disfarce da realidade da violência no trabalho, apresentando-a como se fosse outra coisa diferente do que de fato é. Ela tem a pretensão de assumir o lugar do sagrado, da empresa amorosa e exigente, simpática e rígida, que clama por participação, mas concentra as decisões (Faria, 2013).

No que se refere ao caráter de dominação ideológica, de valores, crenças e artefatos do *discurso organizacional* (Siqueira, 2009), Gaulejac (2007) aduz que a gestão se apresenta como uma ciência, pretensamente neutra, cuja função seria estabelecer os princípios da eficiência, da inovação e da melhoria contínua de produtividade. A falsa neutralidade dos instrumentos de gestão é contestada por esse autor, ao questionar a forma autoritária como são construídas suas bases, sem diálogo com os principais atores, que desempenharão seus papéis, no cotidiano organizacional.

Torna-se imprescindível apontar a função que a ideologia gerencialista exerce na manutenção desse *poder das organizações* (Pagès *et al.*, 2008). Para Gaulejac (2007, p. 65) “Designar aqui o caráter ideológico da gestão é mostrar que, por trás dos instrumentos, dos procedimentos, dos dispositivos de informação e de comunicação encontra-se em ação certa visão de mundo e um sistema de crenças”. Ora, a própria ideologia se apresenta como racional, neutra, mas que dissimula seu caráter de dominação.

Destarte, falar de violência no ambiente de trabalho é algo relativamente novo, pois segundo Heloani e Barreto (2018), a primeira pessoa a abordar a violência e os efeitos dela no ambiente de trabalho foi Brodsky em 1976 nos EUA. Este autor pontuava que as condutas típicas eram: Tratar um colega de trabalho como bode expiatório; Insultar, injuriar um colega; Violências ou ofensas de ordem física; Assédio de ordem sexual; Excessiva pressão sobre o trabalhador no que concerne o desempenho. Algo bastante contemporâneo, salvo os 42 anos destes escritos. Atualmente “Os atos de violência, expressam-se por atitudes abusivas em termos de gestão, as quais estão materializadas

na administração por injúria, pelo medo e na gestão por estresse” (Heloani & Barreto, 2018, p. 27).

E neste cenário os autores acima mencionados pontuam uma questão nova, toda violência laboral é organizacional e não individual ou exclusiva do sujeito, como se tem afirmado. A organização tem sim sua implicação com o sofrimento e adoecimento causado aos sujeitos, uma vez que é consenso internacional que todo assédio moral é acima de tudo organizacional (Heloani & Barreto, 2018).

Sabemos que “é necessário criar novas práticas e compreender que a amizade e a ajuda mútua possibilitam a resistência aos abusos e liberam forças indutoras à criatividade, potencializando a capacidade de produzir” (Heloani & Barreto, 2018, p. 186).

Diante do exposto, a metodologia adotada na maioria dos trabalhos deste dossiê é de cunho qualitativo, os quais buscam demonstrar as agruras do mundo do trabalho contemporâneo. Tínhamos como premissa dar voz aos sujeitos, trazendo à tona as narrativas do que vivenciam no ato político de trabalhar. Entretanto, os artigos que compõem o Dossiê são em sua maioria reflexões teóricas sobre o contexto vivenciado na contemporaneidade. Seja no meio acadêmico, através dos estudantes universitários ou de professores de enfermagem, seja nos reflexos da reforma trabalhista, em vigor desde 2017, que vem acentuando o fenômeno da precarização social do trabalho, especificamente no que tange aos seus efeitos subjetivos para a classe trabalhadora. Já os estudos com as professoras readaptadas e com os trabalhadores socioeducativos e adolescentes em regime de semiliberdade, tem a escuta clínica baseada na Psicodinâmica do Trabalho como aporte teórico-metodológico. Deste modo, a confluência está na relação que existe entre o trabalho e o trabalhar na contemporaneidade; este é carregado de dor e de sofrimento que tem reverberado em muitas formas de adoecimento. Caminhar na busca pelo sofrimento criativo é uma

alternativa de luta para os trabalhadores. A partir da ação, da força dos coletivos de trabalho, conseguir ampliar os laços de cooperação e solidariedade e com isso ter mais saúde e menos doenças na contemporaneidade.

O DOSSIÊ, O CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E AS INTERFACES

A possibilidade de campo para os Estudos Organizacionais centra-se na perspectiva crítica que engendra o tema “Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade”, que por sua vez envolve estudos que tratam de ideias e práticas de relações de trabalho, pautadas na exploração física e psicológica de trabalhadores, que atentam contra a dignidade da pessoa humana, em boa parte das vezes. Chama atenção para o papel da Administração no que tange a relação do trabalho com a subjetividade nos dias atuais, tanto para a formação, quanto para a prática de atuais e futuros gestores, sobretudo os que se envolverem no ofício de ser professor/pesquisador, na luta por uma sociedade menos desigual em direitos e oportunidades.

A publicação deste Dossiê Temático acontece como continuidade de um esforço coletivo da UFF – Universidade Federal Fluminense com a UFT – Universidade Federal do Tocantins, ao longo dos últimos dois anos. Inicialmente as duas instituições, por meio dos grupos de pesquisa ESCOPO – Estudos sobre Coletivos de Trabalho e Práticas Organizacionais (www.escopo.uff.br) e Trabalho e Emancipação realizaram um Seminário Intergrupos de pesquisa, em 2017, com o tema “Trabalho análogo a escravidão & administração”. No ano de 2018, criou-se uma disciplina optativa no Programa de Pós Graduação em Administração da UFF, intitulada “Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade”, que contou com sete professores de três universidades federais: UFRJ, UFT e UFF (Campus Valonguinho, Rio das Ostras e Campos dos Goytacazes).

Esta grande parceria interinstitucional acabou por mobilizar o grupo de professores envolvidos e conseqüentemente os seus estudantes, para um segundo seminário intergrupos de pesquisa. Sendo assim, no dia 26 de novembro de 2018, a UFF sediou este evento, que contou com oito IFES, 25 trabalhos inscritos para apresentação e 56 autores envolvidos nas pesquisas (como autores e coautores). Os 10 grupos de pesquisa que fizeram o II Seminário acontecer são originários de quatro regiões do Brasil (Sul, Sudeste, Norte e Centro Oeste) e de cinco Estados (Amazonas, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Tocantins). Cabe ressaltar que toda esta mobilização foi voluntária; não houve recursos públicos ou privados envolvidos diretamente nesta atividade.

O que move este coletivo são os laços de afeto, solidariedade e cooperação em prol de uma ciência menos dura e mais humana, que aproxime e cuide das pessoas, estejam onde elas estiverem.

Este coletivo tem o suporte de um Grupo de Trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), intitulado até 2019 como Psicodinâmica e Clínica do Trabalho e que para 2020 propõe um novo nome: Trabalho, Subjetividade e Práticas Clínicas. Este grupo se articula desde 2009 na realização de um congresso bianual, que terá como sede, em 2021, a Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Valonguinho, onde começou o Seminário, a Disciplina e este Dossiê.

Diante destas interfaces, as linhas de contribuição deste dossiê Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade partiram da ementa da disciplina ministrada no PPGAd/UFF e convergem com os estudos críticos organizacionais, a saber: Trabalho na contemporaneidade; Patologias contemporâneas decorrentes do trabalhar; Violência psicológica no trabalho; Práticas de gestão que promovam saúde e emancipação; Narrativas de trabalhadores em sofrimento/adoecimento no trabalho: implicações da gestão; Trabalho análogo a escravidão. Acrescidas de temas novos que surgiram com o

II Seminário Intergrupos, são eles: Trabalho e Adoecimento no olhar de Marx e Lacan; O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica universitária.

Conseguimos contemplar neste Dossiê algumas, a saber:

Silva, Todaro e Reis trazem ao debate *O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica universitária*, no qual relatam a experiência de um suicídio e colocam em questão modos de vida e de subjetividade, no atual estágio das sociedades capitalistas. Trata-se de indagar sobre alternativas possíveis de fala e de escuta, que possam trazer esperança e vida a acadêmicos e técnicos-administrativos da dinâmica universitária.

Destarte, Borges, Macêdo e Carneiro salientam impactos da Reforma Trabalhista na saúde de trabalhadores que são organizados por turnos. O estudo elucidava como sujeitos são forçados a se adaptar a uma lógica de revezamento de horários, entre jornadas diurnas e noturnas, e como sua saúde pode ser fortemente afetada. Apresenta alguns efeitos das Leis nº 13.429/2017 e nº 13.467/2017 para os trabalhadores em turnos que, segundo os autores, são ainda mais graves, tendo em vista a chamada flexibilização das relações, tais como o trabalho intermitente.

O estudo de Guimarães Júnior e Silva, intitulado “A Reforma trabalhista brasileira em questão: reflexões contemporâneas em contexto de precarização social do trabalho”, ajuda a explicar uma correlação direta entre o cenário mundial de perda de direitos sociais trabalhistas e sua respectiva institucionalização, tais como a organização do trabalho de terceirizados e de trabalhadores em contratos temporários de universidades públicas.

Amaral em seu estudo intitulado “Sofrimento no ‘trabalho’ de professoras readaptadas: da docência ao trabalho morto da readaptação” procurou compreender o trabalho vivo

de professoras readaptadas da rede pública de ensino do Distrito Federal, fundamentada na abordagem teórico-metodológica da clínica psicodinâmica do trabalho. Segundo a autora, o trabalho na readaptação foi mortificado pelas imposições, tais como: tarefas sem sentido, excesso de prescrições, relações profissionais excludentes e violentas.

O artigo de Martins, Silva e Neves lança luz sobre contradições nas relações entre trabalhadores socioeducativos, no cuidado com adolescentes em regime de semiliberdade. A produção de subjetividades, pautada por medo e insegurança, frente à ausência ou pouco apoio institucional, pode revelar sujeitos e coletivos fragilizados por tais aspectos.

Nesse sentido, a pesquisa de Silva, Schlindwein, Framil e Matos ajuda a explicar como o fenômeno do assédio moral entre professores do curso de enfermagem torna-se mais um exemplo de perpetuação desse tipo de violência, em diferentes manifestações hierárquicas, desde em relações verticais descendentes (chefia-docentes), passando por humilhações entre os professores, e ocorrendo de discentes para os docentes, visualizadas no discurso de aluno-cliente, que paga os salários daqueles.

Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade torna-se, portanto, um tripé sobre o qual se debruçam pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento, para pensar e explicar características das sociedades modernas, pautadas no sistema capitalista. Esperamos que os artigos aqui publicados possam auxiliar o caro leitor e a cara leitora nesse debate. Boa leitura a todos e todas!

Referências

Alves, Giovanni (2011). *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo.

Antunes, Ricardo (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital*. São Paulo: Boitempo.

Antunes, Ricardo (2012). A nova morfologia do trabalho no Brasil: reestruturação e precariedade. *Nueva Sociedad*. Recuperado em 13 dezembro, 2019, de: <https://nuso.org/articulo/a-nova-morfologia-do-trabalho-no-brasil-reestruturacao-e-precariedade/>

Antunes, Ricardo (2010). Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In Ricardo Antunes & Maria A. M. Silva. (Orgs.). *O avesso do trabalho* (2 ed) (pp.13-24). São Paulo: Expressão popular.

Antunes, Ricardo (2000a). *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (7a ed.). São Paulo: Cortez; campinas: Unicamp.

Antunes, Ricardo (2000b). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Barros, Amon (2018). Empresas e direitos humanos: premissas, tensões e possibilidades. *Organizações & Sociedade*, 25(84), 87-99.

Brum, Eliane (2016). Exaustos-e-correndo-e-dopados. *El País*. Recuperado em 10 outubro, 2018, de: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html.

Dejours, Christophe (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34.

Dejours, Christophe (2000). *A banalização da injustiça social* (3a ed.) Rio de Janeiro: FGV.

Faria, José H. (2013). Dissimulações discursivas, violência no trabalho e resistência coletiva. In Álvaro R. C. Merlo, Ana M. Mendes & Rosângela D. Moraes (Orgs.). *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 119-137). Curitiba: Juruá.

Gaulejac, Vincent (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida: Idéias e Letras.

Han, Byung-C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.

Heloani, Roberto & Barreto, Margarida (2018). *Assédio moral: gestão por humilhação*. Curitiba: Juruá.

Hopfer, Kátia R. & Faria, José H. (2006). Controle por resultados no local de trabalho: dissonâncias entre o prescrito e o real. *RAE-eletrônica*, 5(1), art.5.

Pagè, Max, Bonetti, Michel, Gaulejac, Vincent, & Descendre, Daniel (2008). *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas.

Siqueira, Marcus V. S. (2009). *Gestão de pessoas e discurso organizacional: crítica à relação indivíduo-empresa nas organizações contemporâneas* (2a ed). Curitiba: Juruá.

TRABALHO, SUBJETIVIDADE E CONTEMPORANEIDADE: CONFLUÊNCIA COM O CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Resumo

Apresenta-se neste artigo o dossiê temático da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade sobre “Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade”. Parte-se de uma perspectiva crítica ao mundo da gestão, de um modo geral, e ao universo das relações de trabalho, em particular. São apresentados os artigos que compõem esse dossiê, que passam por temas como a reforma trabalhista, o assédio moral, o adoecimento das professoras readaptadas e o sofrimento dos universitários, dos trabalhadores socioeducativos e dos trabalhadores em turnos. A confluência deste Dossiê está na relação que existe entre o trabalho e o trabalhar na contemporaneidade. Este é carregado de dor e de sofrimento que tem reverberado em muitas formas de adoecimento. Caminhar na busca pelo sofrimento criativo é uma alternativa de luta para os trabalhadores. A partir da ação, da força dos coletivos de trabalho, conseguiremos ampliar os laços de cooperação e solidariedade e com isso termos mais saúde e menos doenças na contemporaneidade.

Palavras-chave

Trabalho. Sofrimento. Adoecimento. Violência.

TRABAJO, SUBJETIVIDAD Y CONTEMPORANEIDAD: CONFLUENCIA CON EL CAMPO DE ESTUDIOS ORGANIZACIONALES

Resumen

Este artículo presenta el dossier temático de Farol – Revista de Estudios Organizacionales y Sociedad sobre "Trabajo, subjetividad y contemporaneidad". Se parte de una perspectiva crítica sobre el mundo de la gestión en general y sobre el universo de las relaciones laborales en particular. Se presentan los artículos que componen este dossier, que tratan temas como la reforma laboral, el acoso escolar, la enfermedad de los maestros readaptados y el sufrimiento de los estudiantes universitarios, trabajadores socioeducativos y trabajadores por turnos. La confluencia de este Dossier está en la relación que existe entre el trabajo y el trabajar en la contemporaneidad. Está lleno de dolor y sufrimiento que ha repercutido en muchas formas de enfermedad. Caminar en busca de sufrimiento creativo es una alternativa de lucha para los trabajadores. A partir de la acción, la fuerza del trabajo colectivo, podemos ampliar los lazos de cooperación y solidaridad y así tener más salud y menos enfermedades en los tiempos contemporáneos.

Palabras clave

Trabajo. Sufrimiento. Enfermedad .Violencia

WORK, SUBJECTIVITY AND CONTEMPORANEITY: CONFLUENCE WITH THE FIELD OF ORGANIZATIONAL STUDIES

Abstract

This article presents the thematic dossier of Farol - Journal of Organizational Studies and Society about "Work, Subjectivity and Contemporaneity". It departs from a critical perspective in the world of management in general and in the universe of labor relations in particular. The articles that make up this dossier are presented, which deal with topics such as labor reform, bullying, illness of readapted teachers and suffering of university students, socio-educational workers and shift workers. The confluence of this Dossier is in the relationship that exists between work and to work in the contemporaneity, that is fraught with pain and suffering, reverberated in many forms of illness. Searching for creative suffering is a struggle alternative for workers. Starting from an action, recognizing the strength of the collective work, we can expand the ties of cooperation and solidarity and thus we can have more health and fewer diseases in the contemporaneity.

Keywords

Work. Suffering. Sickness. Violence.

CONTRIBUIÇÃO

Fernando de Oliveira Vieira

O autor declara que contribuiu com a redação e coordenação da editoração do texto, fruto de organização do Dossiê "Trabalho, Subjetividade e Contemporaneidade".

Liliam Deisy Ghizoni

A autora declara que contribuiu para a construção do eixo "O dossiê, o campo dos estudos organizacionais e as interfaces", e revisão textual e da APA.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os envolvidos nessa publicação! O nosso "muito obrigado" começa com os professores e demais pesquisadores dos grupos de pesquisa representados nesse Dossiê e se estende à equipe editorial da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade.

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Vieira, Fernando O. & Ghizoni, Liliam D. (2020). Trabalho, subjetividade e contemporaneidade: confluência com o campo dos estudos organizacionais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 20-36.